



Artes musicais afro-brasileiras: livro digital para professores da educação básica

MODALIDADE: PÔSTER

SUBÁREA: SA-2. EDUCAÇÃO MUSICAL

Beatriz de Souza Bessa
UNIRIO
besssa@gmail.com

Resumo. O livro digital interativo “Artes Musicais Afro-brasileiras: experiências na educação básica” aborda a importância da presença das culturas de origem africanas na escola brasileira trazendo uma série de propostas de aulas vivenciadas por mim em turmas da Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II. Além do diálogo e da reflexão, o objetivo é compartilhar atividades realizadas ao longo de quinze anos como professora de música na rede privada de ensino do Rio de Janeiro, tendo em vista a lei nº 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Étnica Racial de 2004, que tornaram obrigatória a temática História e Cultura Afro-brasileira nos currículos escolares de todo o país. Como mulher afrodescendente, acredito que esse livro possa interessar a todas as pessoas que valorizam a cultura afro-brasileira, mas ele é voltado para professores da educação básica que visam uma educação decolonial e antirracista em suas práticas docentes. Como referencial teórico trago as ideias do nigeriano Meki Nzewi, do brasileiro-congolês Kabengele Munanga e dos brasileiros Luan Sodré e Djamila Ribeiro. São apresentadas no livro quinze propostas de aulas, que incluem maracatu, jongo, samba, funk, maculelê, capoeira, entre outras temáticas, e disponibilizados links externos para aprofundamento teórico, com vídeos, fotos, partituras, textos, áudios e registros de alunos. O livro está na fase de finalização e será lançado no segundo semestre de 2022.

Palavras-chave. Pedagogia musical, material didático, música afro-brasileira, livro digital, educação básica.

Afro-Brazilian Musical Arts: Digital Book For Basic Education Teachers

Abstract. The interactive digital book “Afro-Brazilian Musical Arts: experiences in basic education” addresses the importance of the presence of cultures of African origin in Brazilian schools, bringing a series of proposals for classes experienced by me in Kindergarten, Elementary School and Middle School classes. In addition to dialogue and reflection, the objective is to share activities carried out over fifteen years as a music teacher in the private education network of Rio de Janeiro, in view of law nº 10.639/03, and the 2004 National Curriculum Guidelines for Racial Ethnic Education which made Afro-Brazilian History and Culture mandatory in school curricula across the country. As an Afro-descendant woman, I believe that this book may interest all people who value Afro-Brazilian culture, but it is aimed at basic education teachers who aim for a decolonial and anti-racist education in their teaching practices. As a theoretical reference I bring the ideas of the nigerian Meki Nzewi, the brazilian congolese Kabengele Munanga and the brazilians Luan Sodré and Djamila Ribeiro. Fifteen proposals for classes are presented in the book, which include maracatu, jongo, samba, funk, maculelê, capoeira, among other themes, and external links are provided for theoretical deepening,





with videos, photos, sheet music, texts, audios and student records. The book is in the final stages and will be released in the second half of 2022.

Keywords. Musical pedagogy, didactic material, Afro-Brazilian music, ebook, basic education.

Introdução

O livro digital e interativo Artes Musicais Afro-Brasileiras: experiências na Educação Básica está sendo desenvolvido em um Mestrado. O lançamento online será no segundo semestre de 2022, pois ele já se encontra em fase de finalização. O objetivo do livro é compartilhar atividades pautadas na cultura afro-brasileira que foram realizadas por mim ao longo de quinze anos como professora de música na rede básica de ensino do Rio de Janeiro. No livro são apresentadas propostas de aulas, que incluem maracatu, jongo, samba, funk, maculelê, capoeira, entre outras temáticas, e disponibilizados links externos para aprofundamento teórico, com vídeos, fotos, partituras, textos, áudios e registros de alunos. O livro é para ajudar professores de música da rede básica de ensino a utilizarem em suas aulas conteúdos da cultura afro-brasileira.

Relevância

A partir de leituras sobre as políticas educacionais na sociedade brasileira, constata-se que esse setor foi historicamente pautado por uma educação formal de embranquecimento cultural (NASCIMENTO, 1978; MUNANGA, 1996). Após a abolição da escravatura, aos pretos foi negada a educação como educandos e como educadores, não sendo sua cultura nem a sua memória relevantes para o sistema educacional brasileiro. Gonzalez (1988) aponta que graças às obras de alguns poucos autores, africanos e americanos – africanos e seus descendentes residentes nas Américas por conta da escravidão – é que sabemos “quanto a violência do racismo e de suas práticas despojaram-nos do nosso legado histórico, da nossa dignidade, da nossa história, e da nossa contribuição para a humanidade nos níveis filosóficos, científicos, artísticos e religioso” (GONZALEZ, 1988, p. 77).

Tendo em vista a lei nº 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Étnica Racial de 2004, que tornaram obrigatória a temática História e Cultura Afro-brasileira nos currículos escolares de todo o país, torna-se relevante a publicação de uma material que auxilie o professor a realizar com sua turma atividades que promovam uma perspectiva antirracista. Ao longo dos séculos XX e XXI, pretos e pretas brasileiras, como eu, vem





reivindicando, junto ao Estado, a implementação de políticas públicas educacionais de acesso à educação e de conteúdo da cultura afro nos currículos. A publicação das Diretrizes é uma grande vitória, e deve ser cumprida. Nilma Gomes aponta que “os avanços que se tem vivenciado no campo da política educacional e na construção da igualdade e da equidade mantêm relação direta com as lutas políticas da população negra em prol da educação ao longo dos séculos” (GOMES, 2011, p. 120). Por sua vez, no cenário da educação musical, conforme Döring (2018), há uma carência de estudos sobre a história, desdobramentos e criações das artes musicais africanas, sendo necessário que, cada vez mais, promovam-se publicações que contribuam para a formação de professores. A autora aponta ainda que “na formação musical pouco se estuda e dialoga [...] com as culturas e músicas da diáspora africana, porque sua base musical eurocêntrica [...] não consegue compreender as concepções musicais africanas” (DÖRING, 2018, p. 140).

Dessa forma, é imprescindível que nós, educadores pretos e pretas, estejamos engajados em pesquisas, escritos e divulgação de práticas que nos tragam representatividade e direitos civis. No campo da música essa luta é mais que necessária, já que as bases rítmicas do nosso país estão organicamente vinculadas às culturas africanas e a educação musical precisa contemplar essa ancestralidade que se faz presente na vida contemporânea.

Por conta disso, acredito que o livro possa interessar a muitas pessoas, mas ele é voltado para uso do professores de música da rede básica de ensino. Para facilitar, organizo a apresentação das minhas experiências de aulas usando a nomenclatura comumente usada nos planejamentos das escolas atualmente (Figuras 1, 2 e 3): o objetivo pedagógico da atividade, quais recursos são necessários, qual a faixa etária para quem se propõe a proposta de aula. Também estarão descritas as estratégias didáticas, ou seja, os caminhos que podem ser percorridos ao longo da atividade e como pode ser realizada a avaliação. Oportunizo também uma reflexão sobre os desdobramentos possíveis a partir dos temas dados. Há também uma listagem com referências que fundamentaram a elaboração da aula de apoio e os tópicos da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) às quais as atividades estão relacionadas.

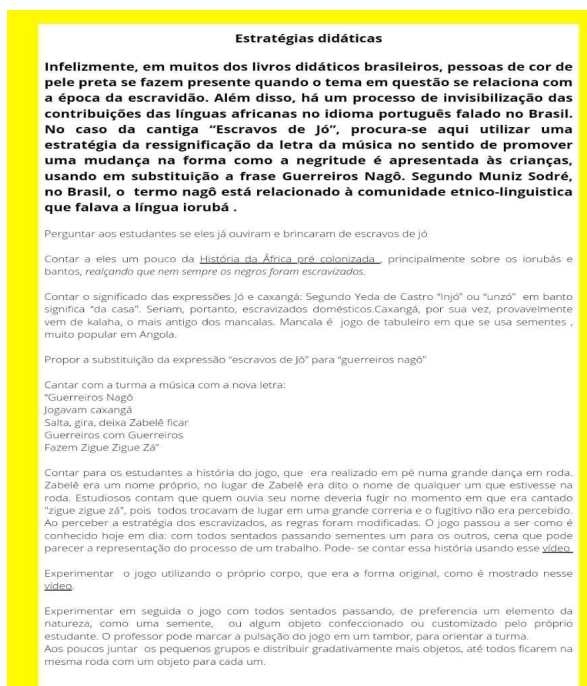
Figura 1 – Print da página 32 do livro





Fonte: a autora

Figura 2 – Print da página 33 do livro



Fonte: a autora

Figura 3 – Print da página 34 do livro



Avaliação:

O estudante evoluiu a sua capacidade de acompanhar a pulsação durante o jogo? Caso o estudante tenha realizado a atividade não na pulsação, mas no contratempo, ele conseguiu sincronia com o colega? O estudante atribuiu significado à substituição da letra da música? O estudante criou seu próprio objeto ou coletou um objeto da natureza escolhido por ele?

Desdobramentos:

Propor outras mudanças de letras de música junto às crianças, a partir de um repertório musical que elas já conheçam
Propor variações do jogo na forma corporal: começando pela direita, depois pela esquerda. Cantando a música apenas mentalmente. Pulando com um pé só, ou como um sapo, um coelho. Acelerar ou desacelerar o andamento, etc.
Na hora do "deixa Zabele ficar" propor que seja um momento de improviso, com todos parados no mesmo lugar, mas que cada um possa fazer o movimento que quiser: bater palma, rebolar, levantar os braços, etc...
Pesquisar mais sobre a história dos africanos antes de sua escravidão nas Américas

Referências:

<https://racismoambiental.net.br/2017/07/22/os-escravos-de-jo-as-linguas-invisiveis-e-a-bncc-por-rose-ribamar-bessa-freire/>
CASTRO, Yeda Pessoa de. MARCAS DE AFRICANAS NAS AMÉRICAS, O EXEMPLO DO BRASIL. Africanias.com, 06 (2014).
<http://desordem-natural.blogspot.com/2015/11/especial-africanidades-parte-2-5.html>
CASTRO, Yeda Pessoa de. Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks Editora, 2005.
MUNANGA, Kabengele. Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009. p. 57-87
Coleção História geral da África - Vol. I, II, III e IV.
SODRÉ, Muniz - Pensar Nagô. Vozes, 2017.
[Lia Franco Braga Teodoro de Araújo Alves. NA GIRA DOS ORIXÁS: Histórias e gigas a encantar como processos de criação nas Artes Cênicas. Rascunhos. Uberlândia, MG. | v.5. | n.2. | p. 61-82. | dezembro 2018](#)

BNCC - Códigos relacionados:

Educação Infantil
(EI02CG01) (EI01CG02) (EI03CG02) (EI02CG02) (EI01TS03)
Ensino Fundamental Anos Iniciais:
(EF15AR13) (EF15AR14) (EF15AR15)

Fonte: a autora

A BNCC, documento que define uma certa centralização curricular, dentro de um país tão plural e diferenciado, não é, ao meu ver, a opção mais apropriada para a educação brasileira. Segundo Inês Barbosa (2016), a BNCC acaba por negar as diretrizes plurais da Constituição e da LDB, instituindo um documento de caráter nacional. No entanto, desde 2018 as escolas brasileiras tem adequado muito dos seus planejamentos a essa nova base curricular. Nesse sentido, acredito que relacionar o conteúdo desse livro a alguns pontos específicos da BNCC possa ser uma boa ferramenta para que os professores não se neguem a utilizar temas afro-brasileiros em suas didáticas por falta de material.

Metodologia

Iniciei o Mestrado Profissional que origina esse trabalho em abril de 2021. Esse curso tem como um dos objetivos fomentar a pesquisa de técnicas inovadoras para o ensino da música nos segmentos fundamental e médio de escolas públicas e privadas, assim como incentivar a reflexão e a investigação de processos práticos de educação musical, podendo ser o produto final do curso um produto em formato escolhido pelo estudante, e não necessariamente uma dissertação. No meu caso, escolhi criar um livro digital, um ebook. Durante o meu curso de Especialização, realizado entre 2019 e 2021, escrevi um trabalho de conclusão de curso sobre



a presença de metodologias africanas na escola. Ao chegar no Mestrado decidi escrever um livro sobre atividades musicais afro-brasileiras nas aulas de música da rede de ensino regular, fundamentadas em atividades que eu já tinha realizado com minhas turmas. Atuo em dois colégios privados no Rio de Janeiro: uma escola de elite em zona favorecida economicamente e uma escola localizada em uma favela da cidade, financiada por um instituição católica. O propósito era escrever sobre as minhas práticas pedagógicas para ajudar outros professores de música a também incluírem em suas aulas conteúdos, temas e metodologias ligadas à cultura africana no Brasil.

No primeiro semestre do Mestrado pesquisei autores e autoras brasileiros e africanos para utilizar no meu referencial teórico: o nigeriano Meki Nzewi, o ganense Kofi Gbolonyo, o brasileiro-congolês Kabengele Munanga e os brasileiros Luan Sodré e Nei Lopes. A partir do conceito de “lugar de fala”, de Djamila Ribeiro, decidi que esse livro iria priorizar pessoas com cor de pele preta.

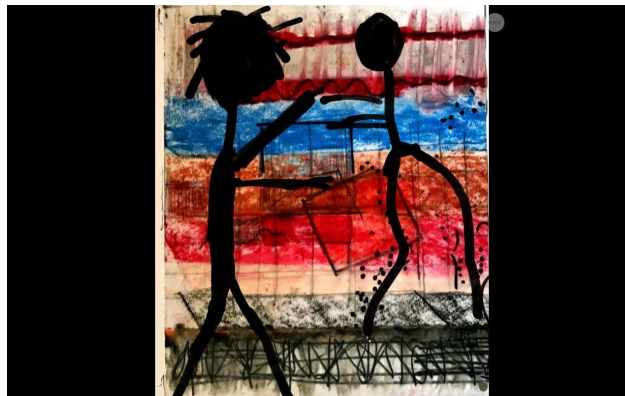
A testagem desse livro foi realizada durante meu estágio docente em uma faculdade de música privada, onde ministrei a disciplina “Artes Musicais Afro-Brasileiras”. Um dos alunos da licenciatura colaborou, de forma espontânea, com ilustrações sobre os temas abordados nas aulas, e foram inseridas no livro (Figura 4, 5, 6 e 7). No entanto, buscando valorizar o lugar de fala, convidei também um artista negro para contribuir com mais ilustrações (Figura 8, 9, 10 e 11). O estágio docente, realizado no segundo semestre de 2021, foi importante para eu selecionar quais atividades estariam no livro e saber quais eram as demandas dos futuros professores de música em relação à cultura negra na escola. No final do livro há um link para um formulário. Lá o leitor poderá escrever um feedback sobre o livro e sobre a sua viabilidade na instituição em que leciona música.

Figura 4 – Ilustração do livro



Fonte: a autora

Figura 5 – Ilustração do livro



Fonte: a autora

Figura 6 – Ilustração do livro



Fonte: a autora



Figura 7 – Ilustração do livro



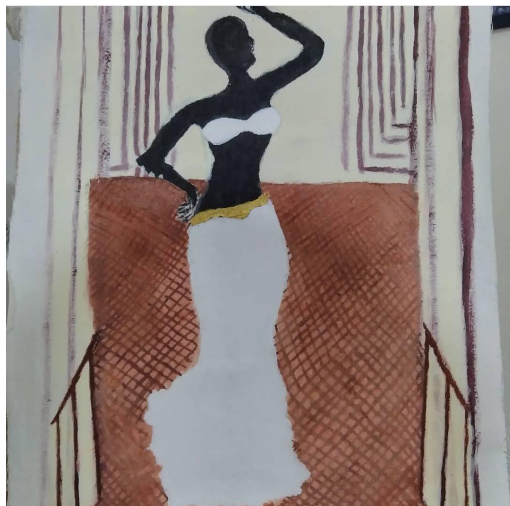
Fonte: a autora

Figura 8 – Ilustração do livro



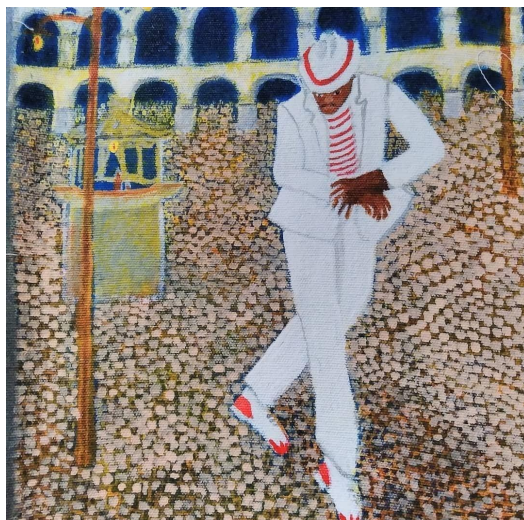
Fonte: a autora

Figura 9 – Ilustração do livro



Fonte: a autora

Figura 10 – Ilustração do livro



Fonte: a autora

Figura 11 – Ilustração do livro



Fonte: a autora

Artes musicais

A expressão que está no título do livro “artes musicais” é uma expressão que o professor, músico, dançarino e pesquisador nigeriano Meki Nzewi começou a utilizar na primeira conferência do Pan African Society for Music Arts Education (PASMAGE) em 2003 e que ele utiliza com frequência em seus estudos sobre música, desde então.

Artes musicais é um termo que está associado não apenas ao fazer musical ou a prática de música em si. As artes musicais, que Nzewi às práticas africanas, têm a função de propiciar a organização de uma dada comunidade através de ações artísticas performativas que vão para além de uma estética de entretenimento. A prática das artes musicais africanas é um acontecimento expansivo, coletivo, único, criativo e espiritual. A música é, portanto, uma grande força política e catártica, nunca superficial, mas sempre profunda e capaz de gerar uma sensibilidade humanizadora. As artes musicais são, portanto, uma expressão singular para se referir à ideologia criativa holística de atuação na África dos povos originários.

Percebe-se, assim, que a música faz parte de algo maior. Música, para os povos africanos, não é feita apenas para ouvir, não é apenas frequência sonora que chega aos nossos ouvidos e nos traz encantamentos. Um produto sonoro nas culturas indígenas africanas não é apenas um empreendimento criativo frívolo. Músicas africanas são partes de narrativas e acontecimentos sociais mais profundos.





A partir da colonização do continente africano, entretanto, as artes musicais foram isoladas de suas origens funcionais e desviadas de ser uma força humana verdadeira, consideradas como selvagens, primitivas, quando, na verdade, expressavam ser qualitativamente humana. Por isso, o conceito de artes musicais precisa ser entendido para além da música, pois incorpora dança, canto, poesia, indumentária, teatro e improvisação instrumental, servindo como uma força espiritual proativa que une todos os envolvidos e concedendo bem-estar físico e mental. O conceito das artes musicais é explicitado pelo autor na passagem a seguir:

O termo 'artes musicais' nos lembra que nas culturas africanas as disciplinas artísticas performáticas da música, teatro, poesia e indumentária são raramente separadas no pensamento criativo e na performance prática. Contudo, cada uma tem sua característica distintiva com seu aparato teórico único ou seus termos descritivos em cada área cultural. A inspiração criativa ou o tema musical é a raiz principal alimentada por idéias culturais e cósmicas, e as ramificações artísticas desta raiz criativa são expressas e percebidas simultaneamente, separadamente ou sequencialmente como: [...] a estruturação do som a partir de objetos sonoros (música) [...] estilização estética/poética do movimento corporal (dança) [...] estilização mensurada da palavra falada (poesia e textos) [...] reflexão metafórica sobre a vida e o cosmo exposto através da ação (teatro) [...] representação do texto e cenário transformado em objetos materiais (indumentária e cenário). Cada ramificação ressoa e reforça a lógica, estrutura, formato, forma, disposição, textura e caráter do outro, assim como na matriz das artes musicais africanas: [...] a música reflete a dança, a linguagem, a atuação cênica e/ou o figurino. [...] A dança traduz corporalmente a música, a linguagem, a atuação cênica e/ou o figurino e o cenário. [...] A poesia e as letras narram a música, a atuação cênica, e/ou os objetos materiais. [...] A atuação cênica interpreta a música, a dança, a linguagem, o figurino e/ou os objetos materiais. [...] Os objetos materiais, o figurino e o cenário realçam a música, a dança, a atuação cênica e/ou a linguagem.” (NZEWI, 2003, p. 13).

A música designa o largo domínio da expressão sonora, que abriga desde os gestos e a palavra falada até a dança-ritual, ensejando uma experiência comunal e inclusiva. Assim, a música, na cultura africana como um todo, interliga-se a outras expressões artísticas. Todavia, a educação colonizadora as isolou em disciplinas isoladas, desenvolvendo metodologias em que cada uma delas é administrada e avaliada separadamente no currículo escolar, obscurecendo a concepção holística da ação musical.





Nesse sentido, a intenção desse livro é apresentar uma série de atividades de artes musicais, não apenas africanas mas principalmente afro-brasileiras, para que os professores possam realizar atividades de música-poesia-dança-ritmo-canto com suas turmas na educação básica.

A ideia de educação musical afrodiaspórica nasce do exercício de refletir sobre uma concepção de educação musical que considere, que dialogue, que se inspire nas existências afrodiaspóricas. (...) Afro, pois reivindica a inclusão, a subsunção de referências de matriz africana que foram historicamente invisibilizadas nos processos de ensino de música em contextos escolares, mas diaspórica por se conectar, dialogar, trocar, permitir-se e reinventar-se ao se deparar numa zona de fronteira com outras referências. (SOUZA, 2020, p. 5)

Conclusões

Unificar ações musicais, teatrais, corporais e poéticas, estimulando o fazer prático e a coletividade, como esse livro digital propõe, é desenvolver a ludicidade, a criatividade e a expressividade em sala de aula. Entretanto, o imperialismo da tradição intelectual inferiorizou, através da história, os bens simbólicos dos pretos, legitimando um saber artístico fragmentado e individualista. Para que isso não perdure, é preciso que se construam metodologias artísticas que não reproduzam os modelos educacionais impostos pela mentalidade de educação forjada em um Brasil que prioriza o seu legado europeu em detrimento do seu legado africano ou mesmo indígena. A educação é para todos, sendo que deve ser concebida por todos.

Por fim, torço para que o livro que será lançado encoraje educadores e educadoras a implementarem ações performáticas em sua rotina educacional, incentivando a promoção de práticas pedagógicas afrobrasileiras, oportunizando que crianças e jovens do século XXI tenham uma formação decolonial, antirracista, criativa e feliz.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. *A Base Nacional Comum Curricular – A Etapa do Ensino Fundamental*. Brasília: MEC. 2017 g.





DÖRING, Katharina. Estética e filosofia das artes musicais africanas na perspectiva da educação musical na América Latina. *ORFEU*, v. 3, n. 2, p. 136-163, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530403022018136>. Acesso em: 18 mar. 2021.

GOMES, Nilma. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*. Porto Alegre, v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr, 2011

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, jan./jun., 1988.

MUNANGA, Kabengele (Org.). *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*. São Paulo: EDUSP/Estação Ciências, 1996.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Políticas curriculares no contexto do golpe de 2016: debates atuais, embates e resistências. In. AGUIAR, Márcia Ângela; DOURADO, Luiz Fernandes. (Org.). *A BNCC na contramão do PNE 2014-2024: avaliação e perspectivas*. Livro eletrônico. Recife: ANPAE, 2018.

NZEWI, Meki. Acquiring knowledge of the musical arts in traditional society. In: *Musical arts in Africa: theory, practice and education*. Pretoria, University of South Africa, 2003. pp. 13-37. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262086463_Musical_Arts_in_Africa_Theory_Practice_and_Education_by_Anri_Herbst_Meki_Nzewi_Kofi_Agawu. Acesso em: 27 jul. 2021

NZEWI, Meki. Reinstating the soft science of African indigenous musical arts for humanitysensed contemporary education and practice. *Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade*, v. 26, n. 48, p. 61-78, 2017. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/7566>. Acesso em: 26 jan. 2021

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017

SOUZA, Luan Sodrê de. Educação musical afrodiáspórica: uma proposta decolonial a partir dos sambas do Recôncavo Baiano. *Revista da Abem*, v. 28, p. 249-266, 2020.

